INSIGHT

CARIOQUICE

publicação trimestral . ano XII . n:46 . JUL/ago/set 2015
ISS 1981-6049

publicação trimestral . ano XII . n:46 . JUL/ago/set 2015

"à noite, ela dolente, eu emotivo, e um romance de amor no arranha-céu"

apud orestes barbosa e jota tomás

CARLOS HEITOR CONY

PALAVRAS NA VEIA

CARIOQUICE

Baixe o app do Itaú e tenha um banco feito para você no celular_

como acessar minha conta_
Entre no app do Itaú, toque em conta corrente. Consulte o seu saldo e extrato de onde estiver_

como uso com segurança_
Entre no app do Itaú, toque em iToken e instale o iToken no aplicativo. Os códigos serão gerados no seu celular e validarão suas operações automaticamente_

como pagar uma conta_
Entre no app do Itaú, toque em pagar conta. Leia o código de barra, digite sua senha e pronto_

como fazer transferências_
Entre no app do Itaú, toque em transferir. Digite agência, conta, valor e pronto_

AFRICA

como acessar meu cartão_
Entre no app do Itaú, toque no menu cartões. Consulte sua fatura pelo celular_

como recarregar meu pré-pago_
Entre no app do Itaú, toque no menu recarga. Faça sua recarga diretamente do celular_

como poupo_
Entre no app do Itaú, toque no menu poupança. Consulte seus investimentos e poupe (ou invista)_

como baixar o app_
Envie um SMS grátis para 4828 com a mensagem "app itaú" e baixe o aplicativo do Itaú no seu celular_

como uso para viajar tranquilo_
Entre no app do Itaú, toque no menu viagem. Faça um seguro viagem, desbloqueie seu cartão para uso no exterior e leve o Itaú com você_

sumário

carioquice

Nº 46 JULHO/AGOSTO/SETEMBRO DE 2015
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 Relíquias radiofônicas

8 O samba da mais alta patente

Causos e letras

14 O anarquista imortal

22 Artífice de filigranas

Saga carioca

28 Traços e letras

32 Sonata de amor ao Rio

Do bem comer e melhor beber

40 Pro dia nascer feliz

Magia do olhar

44 A cor e a forma agradecem

50 O Rio de Niemeyer

Embaixador do Rio

56 Pelos olhos do menino
Por Alberto da Costa e Silva

expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Mônica Sinelli

REPÓRTERES
João Penido
Kelly Nascimento

DESIGNERS
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Geraldo Rodrigues Pereira
Paulo Barros

CAPA
Adriana Lorete

IMPRESSÃO
Primil

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Bernardo Cabral
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Francisco Horta
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marco Antonio Bologna
- Marcelo Calero
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga ✞
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer ✞
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Pereira
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães ✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vitor Lemos
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12° andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Luis Coelho, 308, cjto 36 · Consolação
Cep 01309-902 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@iccacultural.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

cachaça e caipirinhas cariocas

Esquina do Ricardo

A cachaça é hoje um produto de forte apelo mundial, no mesmo patamar de congêneres como tequila, rum, eau-de-vie e poucas outras. Em recente reunião de escritores e intelectuais, fiquei muito espantado, e simultaneamente gratificado, quando a conversa derivou para observações, nem tão triviais, sobre a arte e os prazeres das bebidas, em especial a nossa cachaça. Ora, em um salão em que se respiravam livros e artimanhas do espírito, o assunto veio mesmo a calhar. Até pelo insólito do papo.

Que a nossa brasileiríssima cachaça e seu derivado mais imediato, a caipirinha, são produtos que estão na mente, no coração e, sobretudo, na boca dos brasileiros, sempre eu soube. A caipirinha é uma configuração da alma carioca, como essência de alegria, descontração e criatividade do Rio.

Ainda recentemente, o Instituto recebeu, cá na Urca, um grupo de jornalistas da França. Ofereci-lhes vinhos e uísque, na certeza de que estava a propor o melhor. Quando um deles quebrou a cerimônia e perguntou se era possível sorver uma caipirinha, todos os demais (eram seis) prontamente aderiram. Servi-me, presto, do mote. E aproveitei para exibir uma garrafa da boa cachaça do estado do Rio de Janeiro, destilando um a um dos seus dotes, da sua história e de sua fabricação.

A cachaça ejeta-se de sombrio passado de escárnio para alçar-se a uma bebida premium, de acolhimento universal. Há que se comparar a antiga "marvada", ou "caninha", a um ativo cultural do Brasil, além de commodity em ascensão.

O Estado do Rio produz o que há de melhor no gênero. Aliás, muito recentemente, soube de projeto irradiador: o governo fluminense pretende dar musculatura aos produtores locais de cachaças, incentivando-lhes as exportações. E, oh! maravilha, viabilizando a ideia de culturalizar-se cada vez mais o "preciso líquido" com um possível Museu da Cachaça. Cá no Rio.

Ideia propulsionada pelo entusiasmo de Maria Lúcia Jardim, uma intelectual que sabe das coisas da cultura e que dispõe de intimidade suficiente junto ao governador do Rio. É sua mulher... Ademais, eu anotaria que a cachaça está a caminho de se ombrear, como objeto de desejo, à imbatível luminosidade da nossa música popular, que, como sabemos, talvez seja o principal item artístico do Brasil no exterior. Na cachaça, o paladar aguça e faz aflorar o sabor, tal como o uísque ou o conhaque.

Mas há — e é importante que se observe — absoluta necessidade de investirmos em campanhas publicitárias destinadas à sua maior expansão, já que sua sequência prioritária, a caipirinha, triunfa entre os drinques mais solicitados do planeta, como mojito, whisky sour, marguerita, blood mary, cuba libre. Afinal, a bebida típica do país porta agora a sobriedade (com trocadilho, por favor) da cultura das gentes brasileiras.

Relíquias radiofônicas

por Kelly Nascimento

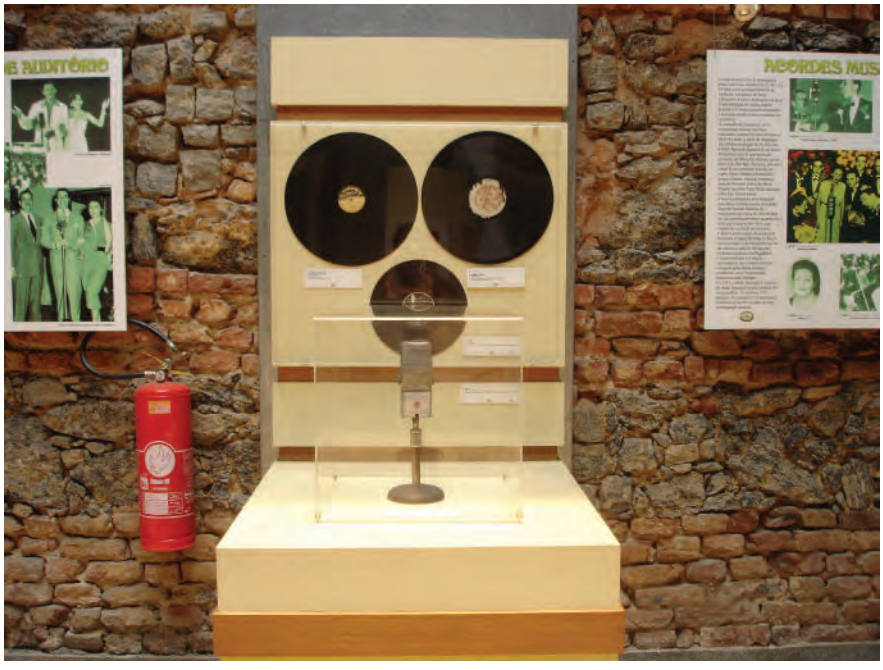
Uma coleção de raridades do rádio. Assim pode ser resumido o acervo que acaba de ser doado ao Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA). Trata-se da coleção que até então formava o Museu do Rádio Roberto Marinho. Entre as preciosidades, há relíquias como uma vitrola de 1917 movida a corda e um rádio de galena – aparelho pioneiro na transmissão de ondas sonoras.

O acervo, integrado por cerca de 2 mil peças, conta um pouco da Era do Rádio no Brasil. "São 1.500 discos, LPs e 78 RPM, de música erudita e popular; e grandes painéis, com fotos de importantes personalidades da época, como Emilinha e Marlene", diz Ricardo Cravo Albin, fundador do ICCA. Outra parte valiosa é uma exposição com cerca de 50 peças e painéis explicativos sobre radionovelas, radioteatro, programas humorísticos, primeiras transmissões de futebol etc. "É uma mostra pronta para correr o Brasil. Sem falar na bela coleção de rádios dos anos 40 e 50, aparelhos de pilha dos anos 70 e 80 e vitrolas originais da Casa Edson e da RCA Victor", destaca ele.

Inaugurado em 2004, o museu tinha o objetivo de lembrar as contribuições de Roberto Marinho à cultura e à arte no estado do Rio de Janeiro. Até julho, estava instalado à Rua da Constituição, num charmoso sobrado colonial reconstruído por esforços do jornalista Augusto Ariston. Desativado para visitação pública, o casarão foi requisitado há meses por seu proprietário, o governo estadual. "O museu foi mantido, por 11 anos, pela colaboração de emissoras afiliadas à Associação de Emissoras de Rádio e TV do Estado do Rio de Janeiro (Aerj) e por meio de doações de colecionadores e do público em geral", recorda.

O ICCA foi procurado pela diretoria da Aerj, preocupada em conseguir um destino nobre ao acervo de peças radiofônicas da opulenta Era do Rádio, como microfones, fotos, toca-discos raros e elepês. "O primeiro aceno foi feito por Flávio Cavalcanti Jr, diretor da Associação. Prontamente assenti. Evidentemente, não poderia, diante do que esse material representa, dizer não, embora tendo pouquíssimo espaço no Instituto. Mas, como sempre, acolhemos preciosidades que não

AERJ
MUSEU DO RÁDIO
ROBERTO MARINHO
TRANSMITINDO A HISTÓRIA.
Inaugurado em 04/ 03/ 2004.


AUDITÓRIO

"É chegada a hora de o ICCA, pelo sucesso que vem tendo, sempre procurado por grandes colecionadores, compartilhar o acesso a essas preciosidades"

Ricardo Cravo Albin

podem descer escada abaixo da destruição", explica Cravo Albin.

Antes que as chaves do sobrado fossem entregues ao governo, ele levou a primeira-dama do estado, Maria Lúcia Jardim, para conhecer o museu. "Quando vi o acervo, há meses, fiquei certo de que sua destinação deveria ser a de uma instituição congênere. Por essa justa razão — e também na tentativa de preservar o lindo casarão —, convidei a primeira-dama, rara e culta intelectual, a visitar o já desativado Museu do Rádio e seu espaço portentoso."

Parceria com a Unirio

Como o ICCA não tem mais espaço para abrigar o acervo do Museu, a saída encontrada por Ricardo Cravo Albin foi colocar, provisoriamente, o material num guarda-móveis. A medida tornou-se necessária para ganhar tempo a fim de encontrar uma solução à altura da coleção. E a resposta estava ali pertinho, na Urca mesmo. "Este encaminhamento para o depósito e sua continuidade estão sendo geridos pela nova diretora da Aerj, Priscila Crespo, jovem executiva muito bem articulada com cultura e com governança de Memória."

As negociações com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) estão bem avançadas. "Conversei com o reitor da Unirio, Luiz Pedro San Gil Jutuca, que tem sido um grande parceiro. A Universidade, que conta com uma Escola de Música, é o local ideal para preservar e compartilhar o acervo. É chegada a hora de o ICCA, pelo sucesso que vem tendo e como vem sendo procurado por grandes colecionadores, repartir o acesso a essas preciosidades", afirma.

A parceria viabilizará a catalogação necessária do material. "Vamos tentar fazer o levantamento de todos os discos, separando-os por vertentes musicais. Pretendemos firmar um convênio para que o acervo de música erudita possa ser diretamente compartilhado dentro da Unirio, onde passará por catalogação e higienização. A ideia é fazer uma ação conjunta. Trata-se de um acervo bem vasto, que ainda não pudemos transcrever, definindo-se tudo — intérprete, compositores, gravadoras etc. Ainda há muito trabalho pela frente."

PetroRio

Maior companhia brasileira independente de produção de petróleo e gás.

Com a aquisição de 100% dos campos de Polvo, Bijupirá e Salema, a PetroRio aumentará sua produção em cinco vezes, se consolidando como um dos principais *players* no *offshore* brasileiro. Este movimento é mais um passo da PetroRio no ambicioso plano de ser a maior e mais lucrativa produtora independente de petróleo e gás no Brasil.

Os resultados da PetroRio são fruto da estratégia de aquisição de ativos em produção, com foco em redução de custos, reexploração dos campos, melhoria na eficiência operacional, respeito ao meio ambiente, compromisso com a segurança **e agora presente no Anuário Valor 1000 entre as maiores empresas nacionais.**

PETRORIO

www.petroriosa.com.br

O samba da mais alta patente

por João Penido

Sargento apenas no apelido, mas general do verbete alentado do Dicionário Cravo Albin on-line, Nelson Matos completou em julho passado 91 anos. Dono de uma memória prodigiosa, ele contou ao pesquisador musical Diogo Costa e ao historiador André Diniz histórias 'do arco da velha'. Por elas, desfila um artista multifacetado – músico, cantor, compositor, pintor, ator e escritor –, que disse ao parceiro Agenor de Oliveira ter acordo com Deus para viver até 2050, quando fará 126 anos.

Essas narrativas, que renderam 50 horas de gravação ao longo de dois anos, deram origem ao livro-perfil "Nelson Sargento, o samba da mais alta patente". Os autores se impressionaram com o personagem retratado. "Nos surpreenderam a lucidez, a inteligência, a tranquilidade, o alto-astral e, sobretudo, a disposição de Nelson. Apesar da idade avançada, ele continua compondo sambas, fazendo shows, pintando quadros e conduzindo seu programa de rádio, 'Eles têm história para contar', na Roquette Pinto. Chegou a escrever um novo samba durante as nossas conversas", afirma Diogo.

"Tive uma infância boa, fui criado numa casa de família que me tratava muito bem", conta Nelson. Ele nasceu a 25 de julho de 1924, na Santa Casa de Misericórdia, no Centro do Rio. Seu pai, Olympio José de Matos, era cozinheiro-mor do Armazém Dragão Secos e Molhados, na rua Haddock Lobo, na Tijuca, e tinha por hobby o amor — por parte dele, Nelson contabiliza nada menos que 18 irmãos. Sua mãe, Rosa Maria da Conceição, com quem residia, trabalhava como cozinheira e empregada doméstica na residência do comerciante português Manoel Ferreira Dias, também na Tijuca. Nos fins de semana, o levava para visitar amigos no Morro do Salgueiro, para onde se mudaram quando Nelson completou nove anos.

na verde e rosa

A mãe passou a trabalhar como lavadeira. Ele a ajudava na entrega nas roupas, tornando-se um exímio conhecedor dos cantos, becos e

Fotos: Paulinho Muniz

ladeiras da área. Rosa havia se unido a Arthur Pequeno, tecelão da fábrica de tecidos Bom Pastor, que tocava violão em um quarteto que incluía Alfredo Lourenço, mais conhecido como Alfredo Português, um ex-fadista que virou sambista e escreveu vários sambas-enredo. "Não sei como o Alfredo soube que o homem estava doente. Foi visitá-lo no Salgueiro, percebeu que nós estávamos numa pior e nos levou, Arthur Pequeno, minha mãe e eu, para a Mangueira. Cresci na casa dele", narra Sargento. No barraco de Alfredo ocorriam animadas reuniões, das quais participavam Cartola, Carlos Cachaça, Nelson Cavaquinho, Geraldo Pereira e Aloísio Dias, que o ensinou a tocar violão.

Quando chegou à Estação Primeira de Mangueira, surgida no fim da década de 1920, por meio da união do Bloco dos Arengueiros e do Rancho Príncipe da Floresta, a escola já era tricampeã do carnaval carioca, arrematando os títulos de 1932, 33 e 34. Em 1936, com o falecimento de Arthur Pequeno, Rosa e Alfredo, viúvos vivendo sob o mesmo teto, resolveram juntar os panos. Nelson, então aos 13 anos e dono de um extraordinário ouvido musical, em pouco tempo passou a ser uma espécie de "gravador" daquela turma. Guardava na memória sambas dos quais nem os autores se lembravam. Só de Cartola salvou três, aos quais acrescentou uma segunda parte: "Deixa", "Ciúme doentio" e "Vim lhe pedir".

À época, Nelson trabalhava na Fábrica de Vidros José Scarrone, em Vila Isabel. Nos momentos de folga, fazia hora extra na principal rival da Estação Primeira, a Unidos da Mangueira, fundada em 1933 e que tinha Alfredo Português na ala de compositores. Por influência de Carlos Cachaça, Alfredo se mudou para a verde e rosa por volta de 1942, levando Nelson junto.

Rei das tintas

Aos 17 anos, Nelson passou a pintar paredes, habilidade bastante valorizada naquele tempo, trabalhando nas casas de Raphael de Almeida Magalhães, Elizete Cardoso, Cacá Diegues, Domingos de Oliveira, Leila Diniz, Sérgio Cabral (pai) e Armando Nogueira. Daí a pintar quadros foi um pequeno passo. "Estava emassando uma parede e a massa que caía no chão não poderia ser usada novamente. Mas servia para tapar buracos. Então comecei a colocar esse resto de massa em cima de uma madeira para aproveitar mais tarde. Depois, ao espalhá-la, observei que havia

Ao lado de Beth Carvalho, que lançou o célebre samba "Agoniza, mas não morre", de Sargento

Aos 13 anos, dono de um extraordinário ouvido musical, Nelson passou a ser uma espécie de "gravador" dos compositores da Mangueira

formado um desenho. Resolvi pintar esse desenho e mostrei-o ao Sérgio Cabral, que me incentivou a produzir outros." Quando Nelson reuniu seis quadros, Cabral organizou uma reunião em sua casa, nos idos de 1973. O primeiro a comprar uma tela foi Paulinho da Viola. Os trabalhos iniciais de Nelson eram abstracionistas; posteriormente, a exemplo de Heitor dos Prazeres, passou a retratar favelas, palhaços e fantasias de carnaval. Ele estava esperando ser chamado para o serviço militar, mas a classe de 1924 não foi convocada. "Em 13 de maio de 1945, acabou a Guerra. Fui voluntariamente servir ao Exército. Com apenas oito meses de praça, virei cabo e, logo depois, sargento. Em 1949, quando larguei a farda, só sabia fazer duas coisas: samba e pintar parede."

No começo dos anos 1950, Alfredo Português

assumiu a presidência da ala dos compositores da Mangueira. Ele e Nelson já haviam feito sambas-enredo juntos, como "Apologia aos mestres", que deu o título à Mangueira em 1949, acabando com um jejum de nove anos. Em 1955, a dupla compôs "Cântico à natureza", considerado um dos sambas-enredo mais bem feitos de todos os tempos e o melhor da Mangueira. Também conhecido como "As quatro estações do ano" e "Primavera", tinha como refrão Oh! primavera adorada/Inspiradora de amores/Oh! primavera idolatrada/Sublime estação das flores. Esta foi a primeira e mais gravada música de Nelson, presente em 30 discos.

Outra de suas memoráveis composições é "Agoniza, mas não morre", lançada por Beth Carvalho no LP "De pé no chão", em 1978, e que virou um hino dos sambistas tradicionais ou "de raiz". A letra critica a transformação do gênero: Samba/Agoniza, mas não morre/Alguém sempre te socorre/Antes do suspiro derradeiro/Samba, inocente pé no chão/A fidalgia do salão/Te abraçou, te envolveu/Mudaram toda a sua estrutura/Te impuseram outra cultura/E você nem percebeu.

ator e escritor

Desde menino, Nelson gostava de cinema, o que lhe rendeu uma tirada impagável: "Todo mundo é galã de seu drama; o resto é bandido." Ele frequentava os "poeirinhas" da cidade com um amigo, e volta e meia os dois enforcavam o trabalho para ver Tom Mix nas telas. Seu filme predileto é "Casablanca", ao qual já assistiu "umas 300 vezes". Sabe de cor o nome de cada um dos personagens.

Sua estreia na tela grande foi no papel de músico em "É Simonal", de Domingos de Oliveira. O convite aconteceu quando ele pintava o apartamento do cineasta. Nelson atuou também em filmes de Estevão Pantoja, Luiz Guimarães de Castro, Alice de Andrade, Walter Salles e Daniela Thomas, Cacá Diegues (na reedição de "Orfeu da Conceição") e Flávio Tambellini, bem como na minissérie "Presença de Anita", da Rede Globo. Em 1997, Pantoja dirigiu "Nelson Sargento da Mangueira", premiado em diversos festivais de cinema brasileiros. Na trilha sonora, estava a música "A felicidade se foi", sobre o fim de um romance: O amor muitas vezes nos põe demente/ Ou nos transforma num farrapo de gente.

Já a relação de Nelson com a literatura começou na juventude. Foi um leitor voraz. Sua biblioteca é bem diversificada, incluindo Confúcio, Castro Alves, Olavo Bilac, Gonçalves Dias, Cruz e Souza, Fagundes Varela e Sidney Sheldon. Tem quatro livros publicados. O primeiro, em parceria com Alice Campos, Francisco e Dulcinéia Duarte, chama-se "Um certo Geraldo Pereira", vencedor de um concurso de monografias promovido pela Funarte, em 1981. Seguiram-se "Prisioneiros do mundo" (poesias) em 1994, e "Pensamentos", em 2005, definido como um haicai mangueirense. O último, de 2007, é uma fotobiografia de Cacá Diegues.

O próprio Nelson acabou virando samba-enredo, de duas escolas. Em 2012, da Unidos do Jacarezinho — O samba agoniza, mas não morre: Nelson Sargento da Mangueira e do Jacaré também. A segunda, neste ano, da Inocentes de Belford Roxo — Nelson Sargento: samba, inocente e pé no chão. Ser homenageado por duas agremiações do carnaval carioca talvez tenha sido sua maior façanha até hoje.

O anarquista imortal

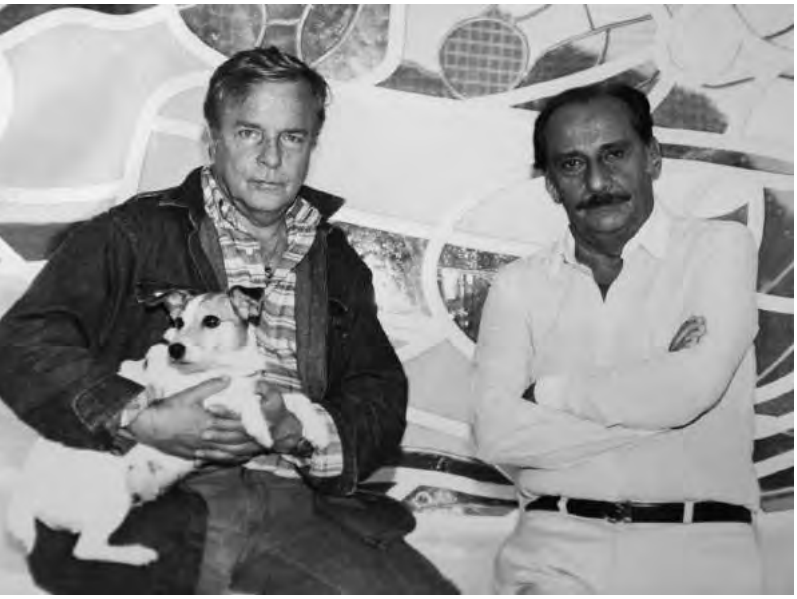
por Mônica Sinelli

Autor de uma extensa lista de romances, contos, crônicas, ensaios biográficos, adaptações e histórias infanto-juvenis e com uma folha corrida de fôlego na imprensa, Carlos Heitor Cony, aos 89 anos, segue com a palavra afiadíssima. Ao longo da carreira, arrebatou quatro Jabutis – a mais importante condecoração literária do Brasil – e o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, da Academia Brasileira de Letras (ABL). O troféu mais recente (2015) foi o Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro, conquistado por ampla votação promovida pela Academia Carioca de Letras. É, ainda, o ilustre ocupante da cadeira nº3 no Petit Trianon, o qual, ironicamente, considera "um jardim de infância às avessas".

Nascido a 14 de março de 1926, no Lins de Vasconcelos, Carlos Heitor é um tanto diferente dos meninos da sua idade. A começar que não fala. Nada. Sua primeira emissão de voz, aos cinco anos, sai sob a forma de um grito de espanto, quando vê um hidroavião pousar na praia de Icaraí, em Niterói, onde mora. De volta ao Lins, a família se muda para uma chácara, atravessada por um rio que serve na fonte às águas minerais Nazareth. E povoada de árvores frutíferas, alfaces, cenouras, rabanetes, coelhos e galinhas. "Meu pai fazia escambo: trocava ovos frescos por carne no açougueiro", recapitula Cony.

Um problema de dicção que lhe dificulta a pronúncia de certas consoantes, trocando, por exemplo, o c pelo t, o faz passar por constrangedoras cenas de bullying — à época, mais conhecido por atos de humilhação e tirania — nas escolas regulares. "Zombavam muito de mim, até os professores reclamavam. E os diretores pediam que me tirassem do colégio, porque eu estava sofrendo com aquilo." Ernesto, o pai amantíssimo, professor do Estado e jornalista, ensina então o filho a ler e escrever. Bem mais que isso: prepara-o, aos 11 anos, para os rigorosos exames à admissão no Seminário Arquidiocesano São José.

Aprovado, entre os primeiros, na instituição eclesiástica do Rio Comprido, o garoto cogita abraçar à vera o sacerdócio. "Já me sentia um padre em miniatura" — brinca o escritor, na sala de seu apartamento com vista 180º da Lagoa Rodrigo de Freitas. "Um deles, notando o meu problema de fala, viu que eu não conseguiria



Com o cineasta italiano Franco Zeffirelli

Ao lado do tenor espanhol Plácido Domingo

articular de maneira correta a fórmula da consagração da hóstia, o ponto alto das missas, em latim – *hoc est enim corpus meum*. Recomendou, portanto, que a substituísse pela equivalente em grego, *to está soma mou*, escapando assim de pronunciar a letra C."

Carlos Heitor opera, enfim, o freio da língua em 1939, com o médico Pedro Ernesto, amigo de seu pai e ex-prefeito do Rio de Janeiro, que lhe receita exercícios pós-cirúrgicos com bolas de gude na boca. A curiosa terapêutica se inspira em método atribuído a Demóstenes, o maior orador da antiguidade, que, antes do advento das pequenas esferas coloridas de vidro, usava pedrinhas para aumentar a mobilidade do músculo articulador de sons.

Ao concluir os cursos de Humanidades e de Filosofia, o rapaz deixa o Seminário, sem passar pela tonsura que o levaria ao estudo superior da Teologia. "Descobri que não acreditava em Deus. Aceitava a Igreja em sua parte teatral, o altar, as velas, as flores, os cânticos. Aprendi a tocar órgão e piano. Ainda sou muito ligado sentimentalmente a isso, como devoto de Nossa Senhora, Santo Antônio e São José." Está com quase 20 anos em 1945.

camuflagem do index

Ao mesmo tempo em que cursa a Faculdade Nacional de Filosofia, começa a ganhar os primeiros salários como pianista de uma boate em Copacabana. Para tristeza da mãe, Julieta,

"No Seminário, havia uma relação de livros que não podiam ser lidos pelos católicos. Eu colocava a capa de uma edição religiosa para encobrir os títulos proibidos"

Com D. Sarah Kubitschek

Em Varsóvia, em frente ao Sindicato Solidariedade

desgostosa de ver o filho, tão preparado culturalmente, em plena performance nas teclas de um inferninho da Rua Ministro Viveiros de Castro. Eis que, em 1946, Ernesto, redator do Jornal do Brasil, precisa levar a esposa, então adoentada, à estância hidromineral de Lambari. "Naquela época, era moda a classe média debandar para as estações de água mineiras em busca de cura. Meu pai negociou com os diretores que eu o substituísse durante sua ausência de 22 dias."

Mas Cony vai permanecendo na redação do JB, cobre o dia a dia do gabinete da prefeitura e começa a escrever no suplemento dominical — "que tinha peculiaridade de circular aos sábados" — sobre literatura, balé e cinema. "Ali passei a me interessar por literatura de modo profissional. No Seminário, lia escondido. Havia o chamado Index, relação de livros que não podiam ser lidos pelos católicos, como *Madame Bovary*, de Flaubert, e *A divina comédia*, de Dante. Até estraguei um pouco a minha vista por ler à noite, na luz fraca do banheiro. Colocava a capa de uma edição religiosa para encobrir os títulos proibidos." Em 1958, publica seu primeiro romance, "O ventre". No período, ganha por duas vezes consecutivas o Prêmio Manuel Antônio de Almeida, com "A verdade de cada dia" e "Tijolo de segurança".

Já no Correio da Manhã, como editorialista, ocorre a primeira de uma série de seis prisões, quando Jânio Quadros renuncia à presidência da República, em 1961. "Havíamos noticiado o fato, e o governador Carlos Lacerda apreendeu toda a edição. Resolvemos — um grupo de seis ou sete — distribuir na rua parte dos jornais (cerca de 120 mil) que não chegaram às bancas. Enchi meu carro de exemplares e fomos vendê-los no Largo da Carioca. Mas a polícia nos levou para onde funcionaria depois o Doi-Codi, na Rua da Relação. Ficamos lá das 16h às 22h, não foi nada demais. A primeira prisão realmente foi quando saiu o AI-5, sete anos depois."

Começa a escrever crônicas no Correio, sob o sugestivo título de "A arte de falar mal", e a revezar com Cecília Meireles na página de opinião da Folha de S. Paulo. E, com o golpe militar de 1964, passa a assinar artigos violentos contra o regime. O general Costa e Silva, ministro da Guerra, processa-o pela Lei de Segurança Nacional. O artigo infringido — provocar animosidade entre civis e militares — previa nada menos que

30 anos de cadeia. "Nelson Hungria, um grande penalista que havia sido presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), se ofereceu para me defender gratuitamente. Ele conseguiu que eu fosse enquadrado na Lei de Imprensa em vigor, na qual constava o mesmo artigo, mas estipulando detenção de somente seis meses. Fui para o Batalhão de Guardas e saí de lá antes do prazo, por bom comportamento."

Xadrex ilustrado

Em 1965, pede demissão do Correio da Manhã. E, por ocasião de uma conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA), é preso novamente, na porta do Hotel Glória, na mais fina companhia — Antônio Callado, Flávio Rangel, Glauber Rocha, Márcio Moreira Alves, Thiago de Mello, Joaquim Pedro de Andrade e Mário Carneiro (fotógrafo de Joaquim). "Na OEA, havia um princípio de que os países não democráticos estavam proibidos de sediar reuniões oficiais da instituição. No entanto, o governo Castello Branco, por meio das relações diplomáticas, conseguiu demonstrar que o Brasil não era um país ditatorial. Como forma de provar isso, mandaram até crônicas minhas, que ofendiam os generais, para eles. Foram, então, realizadas aqui as sessões plenárias. E aquele grupo — ao qual aderiu depois o embaixador Jayme Azevedo Rodrigues — decidiu fazer um protesto na entrada do Glória. Como o Brasil, em plena ditadura, estava organizando um espetáculo vetado pelas normas internacionais?"

Resultado: mais de um mês vendo o sol nascer quadrado na Polícia Militar da Rua Barão de Mesquita. "Ficamos todos juntos numa sala grande, a que chamávamos de Hilton, porque, mesmo sendo uma prisão, tinha banheiro bom, com chuveiros, refeições normais. Não podíamos receber visitas nem produtos de casa. Mas nos divertíamos muito. De noite, cada um de nós dava uma palestra. Ninguém ali era comunista. Calado lia 'Em busca do tempo perdido', de Proust. Glauber começou a esboçar o roteiro de 'Terra em transe' no papel higiênico — não o tradicional, mas um papel de embrulhar pão, cinzento. Joaquim estava preparando 'Macunaíma'."

Com Ana Arruda Calado, Ênio da Silveira, Antônio Houaiss e Abraão Koogan

Com Otto Maria Carpeaux

Ao lado de Jorge Amado e Mãe Menininha do Gantois

Na época em que escrevia "O ventre", seu primeiro romance

O fato é que a "diversão" não segue nada engraçada para um encalacrado Cony, sem emprego fixo por conta de suas condutas políticas no jornalismo — ele que nem adepto de Fidel Castro era. Porém, será na terra do comandante revolucionário que encontrará uma saída para o impasse profissional-financeiro que se interpunha em seu caminho. "Estava chateado, não podia trabalhar na imprensa. Sobrevivia de fazer adaptações de clássicos infanto-juvenis, que me faziam varar as madrugadas e não me satisfaziam. Tinha dinheiro para o leite, não para a manteiga, e já com duas filhas. Veio, então, o convite para ser jurado do concurso anual da Casa das Américas de Cuba. No início, recusei, mas, sem condições de continuar a bancar as despesas no Brasil — e sempre com a espada sobre mim no sentido de a qualquer momento ser de novo preso para responder a Inquérito Policial-Militar (IPM) —, acabei aceitando ir para lá em 1967. Pelo menos, teria cama, comida e roupa lavada por conta do Estado cubano. Minha obrigação era ler os originais de autores de toda a América Latina, sob a pressão de não poder premiar obras tidas como alienadas."

Alimentos e roupas racionados para a população, frotas de ônibus e táxis caindo aos pedaços, livros e televisão censurados e um único jornal em circulação, o Granma. Esse o cenário que encontra o convidado brasileiro. "Mas, no elevador, o cabineiro estava lendo Jorge Luiz Borges, Stendhal. A cultura de massa funcionava. Por outro lado, eu recebia quase diariamente um envelope debaixo da porta do meu quarto no hotel. Eram pessoas que estavam sofrendo duras repressões, dizendo que nós, os estrangeiros em Cuba, tínhamos obrigação moral de denunciar aqueles relatos de tortura. Os mais moços do júri foram convocados a plantar cana, uma atividade barra pesada. A mim, coube cultivar sementes para ajudar a Revolução. Afinal, eu devia pagar de alguma forma a estada gratuita, as muitas lagostas que comia — vindas das fazendas de peixe criadas pelos russos —, o vinho horrível importado da Bulgária e a cota semanal de charutos", ri o ainda hoje adepto de umas boas baforadas.

Regressa ao Brasil, para ser detido já dentro do avião, ficando dois dias trancafiado no aeroporto do Galeão. E no fatídico 13 de dezembro de 1968, quando a ditadura baixa o AI-5, é encarcerado, até os primeiros dias do novo ano, junto ao também jornalista e escritor Joel Silveira no Batalhão de Guardas de São Cristóvão. "Tivemos que ameaçar o oficial com a Convenção de Genebra — normas internacionais de Direito humanitário. Havia muita tortura, embora não comigo. O comandante era até cordial. Na noite

de Natal, entraram na cela dois guardas com metralhadoras e dois garçons com bandejas, trazendo nozes, castanhas, ameixas, um pedaço de presunto e vinho da casa do coronel."

Vem o convite de Adolpho Bloch para integrar o grupo Manchete, sob a condição expressa de que Cony não toque em política. Em maio de 1969, lança a revista masculina Ele & Ela, que publica textos dos melhores contistas mundiais. Começa a trabalhar no projeto de memórias de Juscelino Kubitschek. Na véspera do carnaval de 1970, ele e Joel Silveira voltam ao Batalhão de Guardas para mais uma estadia forçada de uma semana. Dois anos mais tarde, integra a redação de Manchete. Passa uma temporada, em 1976 e 1977, na Europa, sobretudo Itália, fazendo coberturas para a revista.

Durante as ações preparatórias à primeira visita oficial do Papa ao Brasil, em 1980, o cardeal D. Eugênio Salles, arcebispo do Rio de Janeiro, vai a Roma e diz ao secretário de Imprensa do Vaticano que tem muito interesse em trazer um amigo jornalista para viajar na comitiva que escoltará João Paulo II. Proposta aceita, Cony acompanha o Sumo Pontífice desde o avião até as várias cidades incluídas nos trajetos em solo nacional. Em decorrência, publica o livro "Nos passos de João de Deus", com traduções em inglês e francês. Dirige a revista "Fatos e Fotos" e edita "JK: Memorial do exílio". Já na função de superintendente de Teledramaturgia da Rede Manchete, durante a década de 80, assina os roteiros das novelas "Marquesa de Santos", "Dona Beija" e "Kananga do Japão". Em 1991, acompanha novamente o Papa desde Roma em sua segunda vinda ao país.

Chevalier de France

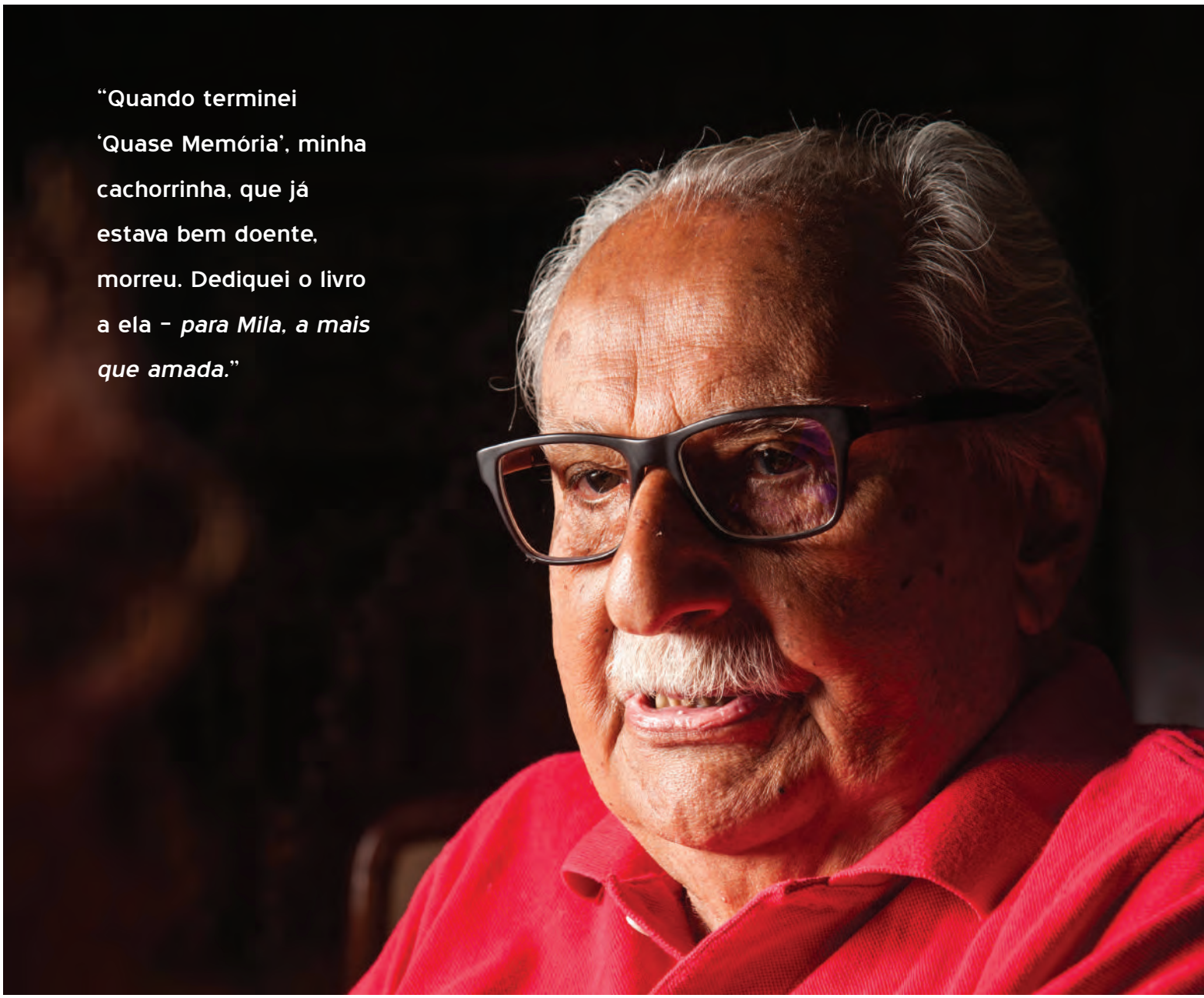
Após 23 anos da publicação de "Pilatos" — quando prometeu a si mesmo que este seria seu último romance ,— lança em 1995 "Quase Memória", feito a bordo de um moderno computador, com a presença a seus pés de Mila, a cachorrinha xodó e já bastante adoentada do escritor. "Quando terminei o texto, ela morreu. Dediquei o livro a ela — para Mila, a mais que amada", conta emocionado. "Quase memória" é considerado o Livro do Ano pela Câmara Brasileira do Livro e leva também o Prêmio Jabuti de 1996, quando Cony ganha ainda o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (ABL), pelo conjunto da obra. Dois anos depois, convidado do governo francês na Feira do Livro de Paris, recebe o grau de cavalheiro da Ordre des Arts e des Lettres.

A ABL o elege, aos 74 anos, ocupante da cadeira nº3. No discurso de posse, enuncia não ter convicções firmes para ser de direita, disciplina para ser de esquerda, nem a imobilidade do centro, que é oportunista. "Sou um anarquista inofensivo", autodefine-se. Ele explica porque chama a instituição de jardim de infância às avessas: "No jardim de infância, a pessoa não tem passado, mas tem futuro. Na Academia, a pessoa tem passado, mas não tem futuro nenhum, a não sei ir para o mausoléu. O fardão é uma coisa abominável. Fico parecendo um gafanhoto, com aquele traje verde, aquelas abas", faz a sua graça o imortal.

Aos 89 anos, casado com Beatriz e pai de Regina Celi, Maria Verônica e André, Cony traz na bagagem uma extensa relação de romances, como "A casa do poeta trágico", "O adiantado da hora" e "O piano e a orquestra"; ensaios biográficos, a exemplo de "Charles Chaplin", "JK: Memorial do exílio" e "Quem matou Vargas"; adaptações de "Viagem ao centro da terra", "Ali Babá e os quarenta ladrões", "Viagens de Marco Polo" e "Aladim e a lâmpada maravilhosa"; e diversos livros de contos, crônicas e infantojuvenis.

Atualmente, além da coluna na Folha, participa do quadro "Liberdade de expressão", na rádio

CBN, em que aborda temas na ordem do dia. Ele revela um projeto que acalenta há mais de 30 anos. "Tenho, desde então, um romance na cabeça: 'Messa di papa Marcello', inspirado na obra polifônica de Giovani Pierluigi da Palestrina, compositor oficial do Vaticano, que introduziu a terceira dimensão na música, o contraponto." Mas, como prova de que a música popular também faz parte de seu sofisticado repertório, se declara fã de Ary Barroso. Compenetrado, chega a cantarolar um trecho de "Aquarela do Brasil": "Quero ver essa dona caminhando,/pelos salões arrastando o seu vestido rendado...Esta canção é um embrião dos sambas enredos das escolas de samba. E se eu tivesse que dar um exemplo de música do Rio, citaria 'Caixa Econômica', de Antônio Nássara, com os versos de Orestes Barbosa, nosso vizinho no Lins — Meu avô morreu na luta e o meu pai, pobre coitado, fatigou-se na labuta, por isso nasci cansado. Acho isso genial, bem carioca", pontifica o incansável Cony — papa das letras.



"Quando terminei 'Quase Memória', minha cachorrinha, que já estava bem doente, morreu. Dediquei o livro a ela – *para Mila, a mais que amada.*"

Artífice de filigranas

por Mônica Sinelli

Atriz, cenógrafa, figurinista e artista plástica, Analu Prestes saiu diretamente do underground paulistano para cair nos braços do ensolarado Píer de Ipanema, na efervescente década de 70. Ao longo de sua trajetória, vem trabalhando com a fina flor do teatro e do cinema brasileiros. E, após a mudança para sua casa-ateliê no bucólico Horto, desenvolve também um minucioso trabalho fotográfico, já abarcando milhares de delicadas joias registradas no Jardim Botânico.

"Em 1974, aos 23 anos, peguei meu jipe de São Paulo para o Rio de Janeiro e nunca mais voltei a morar lá", recapitula Ana Lúcia Prestes Sales da Silva — a, hoje carioquíssima, Analu Prestes. Nascida em Santos, aos três meses de idade foi morar com a família na capital paulista, onde cursou, dos 15 aos 19, a Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). O objetivo inicial da adolescente era estudar artes plásticas. Acontece que também tinha aulas de teatro com Naum Alves de Souza. Foi um arrebatamento. E a prosa mudou logo de rumo. Dirigida por ele, protagonizou, em 1971, o curta "Júlia Pastrana", sua estreia na profissão.

No mesmo ano, fundou, ao lado de Luís Antônio Martinez Corrêa, o grupo Pão&circo, encenando "O casamento do pequeno burguês" (de Bertold Brecht) no porão do Teatro Oficina. Iniciação mais underground, impossível. "Era o

AMOR

Em sentido horário. Em "Morte de um caixeiro viajante", ao lado de Marco Nanini; com Rodrigo Santiago, em "O casamento do pequeno burguês"; na peça "As meninas", de Maitê Proença; e no besteirol "Pedra, a tragédia", com Thelma Reston e Stella Freitas

auge da geração hippie e da experiência lisérgica. Ganhei o prêmio de atriz revelação — criando, ainda, o cenário e o figurino — da Associação de Produtores de Espetáculos Teatrais do Estado de São Paulo (Apetesp), e Luís, de melhor diretor. O espetáculo foi convidado a representar o Brasil no festival mundial de teatro de Nancy, na França. Meu pai financiou as passagens aéreas para todo o elenco, que reunia 23 jovens. Não estava ligado à arte, era corretor de imóveis, mas meio que se via em mim. Sempre me deu tudo que eu quis. E fez esse gesto para me ver feliz. Na volta ao Brasil, depois de quatro meses na Europa, os atores devolveram o empréstimo a ele, que, mesmo assim, deve ter 'morrido' numas quatro ou cinco passagens", ri a filha do grande Seu Agenor, que foi igualmente um paizão para aquela trupe inteira.

chegada ao Rio

Em 1974, o cineasta brasileiro Luiz Rosemberg Filho, que Analu havia conhecido em Paris, convidou-a a protagonizar seu filme "Assuntina das Amerikas", no Rio de Janeiro. Foi aí que o tal

jipão pegou a estrada definitiva (até o momento) para a Cidade Maravilhosa. "Ao chegar aqui, fiz em seguida no cinema 'Guerra conjugal', dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, e logo remontamos 'O casamento do pequeno burguês', em que conheci, por estar no elenco, minha grande amiga, minha irmã Marieta Severo. Caí de cabeça no Rio, os artistas me acolheram, estava sempre no Píer de Ipanema e no Frenetic Dancing Days. Conheci, também, Buza Ferraz, com quem vivi durante cinco anos", relata. Juntos, fundaram, em 1978, ao lado do ator Mário Borges, a Companhia "Jaz-o-coração", realizando as peças "Policarpo Quaresma" (baseada no romance de Lima Barreto) e "Mistério bufo" (de Dario Fo). Dois anos antes, havia participado da novela "O casarão", de Lauro Cesar Muniz, na TV Globo.

Na década seguinte, seria a vez de retomar o fio condutor inaugural, levando à cena, com a amiga-irmã Marieta, a antológica trilogia do mentor Naum Alves de Souza: "No Natal a gente vem te buscar" (1980), "A aurora da minha vida" (1982) e "Um beijo, um abraço, um aperto de mão" (1985), sucessos retumbantes na cidade. E veio a época do besteirol, com "Pedra, a tragédia", de Mauro Rasi, Miguel Falabella e Vicente Pereira (1986), ao lado de Stella de Freitas e Thelma Reston, sob a direção de Ary Coslov, que abarrotou o teatro Cândido Mendes, em Ipanema, por um ano e dois meses. Naquele período, participou também de filmes como "Com licença, eu vou à luta", de Lui Farias, e "Romance da empregada", de Bruno Barreto.

Isolamento e retomada

O percurso solar, porém, seria intensamente abalado pelo trágico assassinato do companheiro de jornada Luís Antônio Martinez Corrêa, em 1987. "A morte dele me derrubou, fiquei muito mal. Comecei a me questionar como atriz. Travei, me isolei em Santa Teresa e resolvi mergulhar no trabalho de ateliê, regressando às artes plásticas. Fiz minhas primeiras exposições em galerias oficiais, mas chegou um ponto em que percebi que não conseguiria sobreviver apenas com esse dinheiro. Depois de dez anos afastada, retomar a carreira de atriz foi um luta difícil. As pessoas achavam que eu havia desistido mesmo."

Mas foi só voltar às luzes da ribalta que o velho tablado reconheceu a filha pródiga. Em 1998, arrebatou logo dois prêmios como cenógrafa: o Mambembe, por "Clarice, um coração selvagem", com Aracy Balabanian, e o Sharp, por "Uma noite na Lua", com Marco Nanini — ao lado de quem integraria o elenco de "A morte do caixeiro viajante" (de Arthur Miller), em 2003. Na sequência, participaria de "As Meninas", peça escrita por Maitê Proença, e "Um dia como os outros" (direção de Bianca Byington e Leonardo Netto), que lhe rendeu o prêmio da Associação dos Produtores de Teatro do Rio de Janeiro (APTR) de melhor atriz coadjuvante em 2011. Dois anos depois, encenou o monólogo "Emily", texto de William Luce adaptado e dirigido por Eduardo Wotzic. "Em 2014, Maurício Farias me chamou para fazer uma participação na série "Tapas e beijos", da Globo. Minha personagem, a cabeleireira Shirley, namorada de Seu Chalita, papel de Flávio Migliaccio, agradou, e me contrataram para fazer o último episódio", conta.

Jardim secreto

Enquanto brilhava nos palcos, Analu foi desenvolvendo uma nova atividade, após mudar-se, há alguns anos, para a sua casa-ateliê incrustada no bucólico bairro do Horto: a de artífice de joias imagéticas. "Comprei uma câmera semiprofissional e passei a carregá-la em minhas caminhadas diárias no Jardim Botânico, que é um encantamento da cidade. Tudo começou quando confeccionei um barquinho de papel com uma dobradura de mapa-múndi, em que escrevi a palavra world. Resolvi levá-lo para fazer uma

viagem na natureza, colocando-o em diferentes situações: em cima de uma vitória-régia, subindo uma árvore, sobre um cactus... Ao mergulhar nesses pequenos mundos, teve início um trabalho de poesia visual, que hoje já soma mais de 40 mil registros — diariamente, posto uma foto no Facebook com um título poético. Produzi, também, uma série com sementes, florzinhas, raízes, folhas e frutos que ia recolhendo enquanto caminhava. Trouxe esses materiais orgânicos para casa e os estendi num veludo preto, montando composições a partir de sua transformação ao longo de vários dias, expostos à luz natural."

Esta série, chamada "Jardim secreto", foi utilizada no Prêmio da Música Brasileira. "O diretor José Maurício Machline, para a edição em homenagem a João Bosco (2012), pediu ao Gringo Cardia que toda a cenografia empregasse

"Uso a foto como instrumento para criar poesia, a exemplo do que faço também com tintas, bordados e colagens"

as minhas fotos. Gringo selecionou 150 — 15 para cada cantor —, projetadas no fundo do Teatro Municipal, numa gigantesca tela de led. Ficou muito lindo, de chorar de emoção. Não sou fotógrafa, não fiz curso técnico: uso a foto como um instrumento para criar poesia, a exemplo do que realizo também com tintas, bordados e colagens."

A craque multimídia se declara "louca pelo Saara", o famoso comércio a céu aberto no Centro da cidade. "Vou lá pesquisar materiais. Gosto da onda de mercado popular, de feira. Acho o luxo do luxo ir ao Cadeg, em Benfica, comprar flores e comer bolinho de bacalhau", revela Analu, que já teve dois jacarés seus, confeccionados em madeira, arrematados por Mick Jagger. Os coloridíssimos répteis — que integravam a exposição "Animália", uma fauna surreal inventada pela artista com cerca de 350 bichos —, haviam sido escolhidos para decorar o camarim do roqueiro inglês durante o show dos Rolling Stones no Rio. Jagger, que não é bobo nem nada, tratou de levar para casa os walligators pop que, assim, ganharam o mundo. Não por acaso, nossa exuberante criadora tripula um mágico barquinho chamado world.

Traços e letras

por Olga de Mello

Dividir o quarto com os irmãos durante a infância e a adolescência, nos anos 1960 e 1970, não gerou escaramuças ou disputas entre Reinaldo, Rubens e Cláudio Figueiredo. A criação por pais "nada severos" é apontada como determinante para a tranquilidade na convivência dos três, que hoje se destacam no cenário cultural brasileiro por incursões no humor, na literatura e no jornalismo.

"A gente se entendia. Éramos tranquilos. Uma infância sem problemas, muito comum", afirmam, um completando a fala do outro. Por temperamento, os três detestam exibir-se. Seriam intelectuais reclusos, dedicados ao trabalho no recolhimento de um ambiente onde as ideias fluiriam sem interrupções da rotina. A vida, no entanto, não os deixou sossegar. Reinaldo, o mais velho, hoje com 63 anos, pretendia ser músico, virou desenhista e acabou ator no programa de televisão "Casseta e Planeta, Urgente!" Rubens, 59, professor de língua portuguesa, lançou oito livros, ganhou dois prêmios Jabuti de Literatura nas categorias contos, em 1998, por "As palavras secretas", e romance, em 2002, com "Barco a seco", é um dos mais conceituados tradutores de russo no Brasil. Cláudio, 55, jornalista, depois de ser repórter e editor em jornais, revistas e televisão, escreveu uma biografia e três livros sobre a cidade, entre eles "O Rio de Janeiro entre 1565 e 1910", premiado com o Jabuti em 2006, na categoria Arquitetura, Fotografia, Comunicação e Artes.

Falar sobre a própria trajetória é um exercício árduo para os três, que, por escolha, estariam sempre à distância de qualquer microfone, câmera ou refletor — o que ficou impossível para Reinaldo. "Antes de irmos para a televisão, participei, com o pessoal do Casseta e Planeta, de um show humorístico-musical no extinto Jazzmania. Eu era um problema, não queria falar nada, gostaria de interpretar o Harpo Marx (comediante norte-americano que tinha como persona artística um harpista mudo). Virei o baixista da banda, aquele que fica lá no fundo do palco. Acabei me acostumando a atuar, seguindo as orientações do diretor, mas era muito cansativo", lembra Reinaldo.

Nenhum dos três foi aluno brilhante, sem que isso chegasse a incomodar muito os pais, o

comerciário Cândido e a dona de casa Darthclea, que não se abalaram nem quando Reinaldo e Cláudio repetiram o ano, no Colégio de Aplicação. O único incidente a entrar para a história da família como travessura de criança, quando Reinaldo, aos dez anos, provocou um curto-circuito em sala de aula, nem chegou a render castigo. "Papai foi chamado, mas compreendeu que eu não tinha intenção de tacar fogo no colégio. Causei um pequeno incêndio, logo debelado. Só juntei as pontas de um fio desencapado por curiosidade. Coisa de criança", explica.

Bola e jacaré

Crescendo em Copacabana nos anos 1960, eles tinham a praia e as ruas para brincarem livremente. Nas férias, o programa diário era pegar jacaré ou jogar futebol — de botão, nas calçadas,

Falar sobre a própria trajetória é um exercício árduo para os três, que, por escolha, estariam sempre à distância de qualquer microfone, câmera ou refletor

Claudio, Rubens e Reinaldo

e com bola para valer, na pista dos carros. "A Rua Cinco de Julho era o estádio não oficial dos garotos do bairro, porque não havia quase carro circulando por ali", lembra Rubens, titular dos times de pelada de então, como Cláudio, ambos torcedores do Botafogo.

Reinaldo ficava de fora das partidas, sem nenhum interesse por futebol, voltando todas as atenções para o desenho e a música. No colégio, sua primeira incursão no "jornalismo" foi ao criar uma edição desenhada à mão, com notícias e ilustrações. Os diversos números tiveram tiragem bastante limitada, de apenas um exemplar, que circulava entre os colegas. "Não sobrou nenhum. Imagino que acabassem em frangalhos", diz Reinaldo, que, ao terminar o secundário, matriculou-se no Instituto Villa-Lobos, pensando em profissionalizar-se como músico. Os pais sugeriram que ele também fizesse um curso preparatório para professores de inglês no Instituto Brasil-Estados Unidos (Ibeu). Acabou deixando os dois ao passar a trabalhar no semanário "O Pasquim", onde permaneceu por 15 anos, quando já havia fundado o jornal humorístico "Planeta Diário", que mantinha uma rixa falsa com o "concorrente", o "Casseta Popular". "Tudo aconteceu comigo meio de improviso, intuitivamente. Do Planeta, fui fazer roteiro para o programa 'TV Pirata', da Rede Globo, e, dali surgiu o embrião do 'Casseta e Planeta', conta Reinaldo.

O acaso também apontou o destino de Rubens. Em dúvida sobre qual carreira seguiria, não chegou a considerar a sugestão do pai, de que estudasse algo ligado à hotelaria. "Ele acreditava na consolidação da vocação da cidade para o turismo, mas eu preferi tentar um caminho próximo à literatura, pensando já em escrever", recorda Rubens. Às vésperas do vestibular, em 1973, descobriu o Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e resolveu candidatar-se a uma vaga na especialidade português-russo. "Eu gostava dos escritores russos e achava que a concorrência para o curso seria menor", explica. Depois de formado, foi lecionar português em colégios da rede pública, na Cidade de Deus e na Gávea, combinando as aulas com traduções de inglês para editoras e seus próprios textos de ficção.

O russo ficou esquecido por mais de 15 anos, até recusar-se a traduzir um romance inglês de 700 páginas, do século 17. "Nada contra o autor, Henry Fielding, eu só não queria enfrentar aquele calhamaço. E perguntei ao editor por que

não lançava uma coletânea de contos de Anton Tchecov, traduzidos direto do texto original. Ele topou. Eu andava bastante afastado do russo, mas tinha feito uma tradução de poemas para outra editora. Rapidamente, voltou tudo o que eu aprendi na faculdade. Sinal de que o curso era muito bom", conclui Rubens, que talvez aproveite a recente aposentadoria para conhecer, finalmente, a Rússia: "Não sou muito de viajar."

Atualmente, o trio começa a deixar de lado o aspecto "meio multitarefas"

atolado no pântano

O caçula Cláudio também tinha dúvidas sobre os rumos profissionais, porém deixou de lado as inclinações para desenho e ingressou na Escola de Comunicação da UFRJ. Como repórter, teve um cotidiano de aventuras, aos olhos dos irmãos. "Ele ficou pendurado num avião da Aeronáutica porque o piloto fazia acrobacias em cima da selva amazônica, passou uma noite atolado dentro de um pântano em Rondônia. Só nunca escreveu isso nos artigos", lamenta Rubens, enquanto Cláudio minimiza as experiências, parte do trabalho de mostrar diferentes localidades do Brasil, em séries para a revista Manchete. "Jornalista não é objeto de interesse, essas dificuldades são parte do trabalho", observa Cláudio, que desenvolveu uma carreira paralela de escritor, iniciada com a biografia "As duas vidas de Apparício Torelly", em 1987. Retomou o tema 20 anos depois, ampliando a pesquisa sobre Torelly, um dos mais destacados jornalistas de humor brasileiros, com "Entre sem bater — A vida de Apparício Torelly, o Barão de Itararé". Antes, foi roteirista do programa "Casseta e Planeta, Urgente!" (não por indicação de Reinaldo, mas de outro amigo). Hoje, trabalha mais com tradução e pesquisa do que em jornalismo. Pai de duas filhas — os irmãos dizem preferir a categoria de tios —, tornou seu apartamento em Laranjeiras o local das reuniões de família, desde a morte do pai, há um ano. A mãe faleceu em 2000.

Atualmente, os três irmãos começam a deixar de lado o aspecto "meio multitarefas", como diz Reinaldo. Rubens diz que não tem escrito, dedicando-se mais às traduções. Diariamente, sai de Copacabana, onde mora, para nadar na piscina do Botafogo. Cláudio, também envolvido em traduções e pesquisas, também faz natação e aprimora a boa forma deslocando-se, preferencialmente, de bicicleta. Reinaldo, morador da Lagoa, ficou mais sedentário devido a um problema de articulações, mas mantém o ritmo intenso em atividades profissionais. Com o fim do "Casseta e Planeta, Urgente!", que permaneceu no ar durante 18 anos, além de viajar pelo país, dando palestras sobre humor gráfico e seu livro "A arte de zoar", reunindo cartuns publicados em diversas revistas, ele toca baixo no quarteto de música instrumental Companhia Estadual de Jazz.

Sonata de amor ao Rio

por Olga de Mello

Um Rio de Janeiro pequeno, em que todos conviviam sem temer a insegurança, nos oferecia tempo e tranquilidade para desfrutar a cidade. Um Rio que deixou saudade, mas que se renova naturalmente, mantendo cativos os cariocas – de nascimento e adoção. O Rio pode deixar saudade, jamais melancolia. Ele é bonito demais para inspirar melancolia, acredita Mitzi de Almeida Magalhães.

"A vida era bem mais simples. Hoje dá trabalho viver numa cidade em transformação. As obras no Rio, com labirintos, tapumes, ruas bloqueadas e deslocamento difícil, deixam seus moradores mais vulneráveis à impaciência. Mas, na contramão desses obstáculos, sobressai o amor pela cidade. Um amor que inspira tolerância, virtude que conseguimos administrar com êxito, porque a esperança no horizonte é uma certeza. Não troco o Rio por lugar algum do mundo", afirma essa curitibana, radicada no Rio definitivamente desde os anos 1960, quando se casou com o advogado e político carioca Raphael de Almeida Magalhães.

O destino dos cidadãos que sofrem diretamente com a violência preocupa Mitzi. Cita um filme produzido pelo genro, o cineasta Cacá Diegues, casado com sua filha Renata, para apontar as questões sociais dos moradores de favelas. "O problema da segurança no Rio é, entre todos, o mais complexo. O filme 5 X UPPs, feito pelos próprios moradores das comunidades, nos mostra a necessidade de que outros órgãos administrativos, além das Unidades de Polícia Pacificadora da Secretaria de Segurança, atendam as demandas da população desassistidas", ressalta.

O encantamento pela cidade começou em 1946, quando seu pai, Bento Munhoz da Rocha Netto, foi eleito deputado Constituinte pelo Paraná. A família se mudou para o Rio, então Distrito Federal. Mitzi estudou nos colégios Sacré Coeur e Jacobina, onde fez amizade com Teresa, irmã de Raphael. Ele se dispunha a ajudar as duas nas dificuldades que tinham com as matérias de física e matemática.

"As distâncias da cidade aumentaram. Quando ela era menor, íamos de patins de Copacabana até Ipanema em ruas quase sem carros. Não existia a Barra da Tijuca, como um bairro residencial, São Conrado, só para comer milho verde", lembra.

Ao lado de Raphael de Almeida Magalhães, seu marido, em Miami

Alunos de colégios vizinhos, na Rua São Clemente, em Botafogo, ela e Raphael, algumas vezes, tomavam o mesmo bonde para a escola. "Ele ficava no Colégio Santo Inácio, eu, pouco adiante, no Jacobina. Estávamos sempre nas reuniões dos fins de semana, com banho de piscina e cantorias de violão. Diferentemente de hoje, tudo à luz do dia. Existia, entre nós, um encantamento calado, mas era fácil percebê-lo. Ele dançava feliz pelos nossos olhos. Desde o tempo do Santo Inácio, Raphael era considerado um ídolo do futebol. Quando começou o futebol de areia, vinham admiradores de todos os bairros para ver o famoso Rafa atuar, na certeza que iriam assistir a belos passes e belos gols. Sob a ameaça de que se tornasse um profissional, a família resolveu afastá-lo daquele 'altar'. Mandou-o estudar em Belo Horizonte, onde morava grande parte dos parentes. Antes de partir, Raphael me deu uma caixa com medalhas do Colégio Santo Ignácio, prêmios como bom aluno: Pra você guardar. Emocionou-me aquele gesto de confiança. Era a coisa mais preciosa que ele tinha. Depois de uma pausa, falou com muita ternura: Ainda teremos uma vida juntos."

Passeio em Nassau

Esperando sempre por você

O reencontro só se deu 11 anos mais tarde. "Estava casada, com dois filhos. Foi na festa do casamento da irmã Teresa, no apartamento

“Na contramão dos obstáculos, sobressai o amor pela cidade. A esperança no horizonte é uma certeza”

Raphael "driblando Garrincha"

onde eu moro hoje, na Avenida Atlântica. A vida era realmente mais simples. Ninguém fazia casamentos suntuosos como hoje. Apenas a cerimônia religiosa na igreja e, depois, recepção na casa dos pais da noiva. Encontrei um Raphael bonito e solteiro. Começamos a conversar naquela ocasião e parecia que estávamos presos um ao outro. Ninguém conseguia se aproximar da gente. Parecia que estávamos blindados por uma conspiração cósmica. Aquele passado de sentimentos ternos voltou a nos envolver. Percebemos que o encantamento estava vivo. Quando fui embora, ele me falou: Ficarei esperando por você, sempre. A frase entrou pelos meus poros e ficou gravada no coração. Perturbou e mudou minha vida”, rememora Mitzi, que se separou do primeiro marido, iniciando uma jornada de 50 anos ao lado de Raphael, que foi secretário e vice-governador do Estado da Guanabara durante a administração de Carlos Lacerda — depois, deputado

"Existia, entre nós, um encantamento calado, mas era fácil percebê-lo. Ele dançava feliz pelos nossos olhos"

federal e ministro da Previdência Social, além de manter uma carreira como advogado.

"A obra da represa do Guandu — resgata a ex-primeira dama do estado — , sob a responsabilidade do engenheiro Veiga Brito, foi, de longe, o trabalho mais complexo e importante do governo. Graças a ela nos livramos, há mais de meio século, dos problemáticos banhos de cuia. Diferentemente das águas do Guandu, que correm escondidas dos nossos olhos, os jardins do Aterro, obra grandiosa, é festa permanente para a visão de qualquer um. A ampliação da orla e a abertura de túneis, ligando bairros, desafogou o trânsito. Outra iniciativa interessante foi a criação das administrações regionais, onde subprefeitos resolviam dificuldades locais, sem muita burocracia. O governo do Estado deu muita atenção ao ensino. Flexa Ribeiro, secretário da Educação, criou o segundo turno, construiu escolas pelas praças públicas. Na saúde, o secretário Marcelo Garcia, com a preocupação de prevenir doenças, programou a distribuição de vacinas. A mais importante foi a Sabin, que erradicou a poliomielite em todo o Brasil. Na Secretaria de Obras, Enaldo Cravo Peixoto foi excepcional liderança."

Raphael dedicava suas tardes de sábado a

No batizado da filha Renata

Com Raphael e Renata

um sagrado futebol, em Correias, na serra fluminense. "O campo era cuidado como joia por seu dono, José Luiz Ferraz. Lá jogaram mitos, como Nilton Santos e Garrincha. Lembro, entre os jogadores, Armando Nogueira e Luiz Carlos Barreto. Raphael deixava no campo os problemas e o cansaço do trabalho exaustivo que o governo exigia. Os domingos eram sempre junto à família. Quando o tempo estava bom, saíamos de lancha. Às vezes, passávamos os fins de semana em Petrópolis, na casa dos pais dele. Nem cinema, nem jantares em restaurantes. Lugares públicos, às vezes, traziam certo desconforto. Olhares curiosos", confidencia Mitzi.

Filha e neta de políticos, ela diz que esse meio sempre foi parte de sua vida. O momento mais penoso remete à prisão de Raphael, durante sua festa de aniversário de 38 anos, assim que entrou em vigor o Ato Institucional nº 5, em 1968. A família e os amigos estavam reunidos no apartamento do casal, na Rua Assis Brasil, em Copacabana, quando chegou a notícia que o ex-presidente Juscelino Kubischek havia sido preso numa cerimônia em que era paraninfo no Teatro Municipal. E Raphael seria o seguinte. "Começou um burburinho. Alguns achavam que Raphael deveria fugir. Chegaram uns homens altos e pediram que ele os acompanhasse. Ficou 15 dias preso na Vila Militar. No dia seguinte, eu, minha sogra e Renata, com dois anos, apenas, fomos até a Vila, levando o bolo de aniversário." Sem problemas, mas nem os abraços calorosos, acompanhados de bolo, conseguiram dar uma atmosfera festiva

Acompanhando o marido em seu último dia de governo

Brinde com Fernando Henrique Cardoso

ao aniversário. Posteriormente, ativo na campanha pela redemocratização do país, Raphael convenceu o general Euler Bentes a disputar a presidência da República contra o também general João Figueiredo. "Todos sabiam que era uma candidatura derrotada no Colégio Eleitoral. Mas estaria lançada uma semente de desaprovação no meio das Forças Armadas. Missão cumprida, Figueiredo foi o último presidente militar."

Viver enquanto estamos vivos

Por 25 anos, o casal viveu numa casa no Alto da Boa Vista, antes de ocupar o apartamento onde se reencontrou em 1962. Hoje, fotografias dele se destacam na ampla sala do apartamento na Atlântica. Desde que enviuvou, em 2011, Mitzi mantém uma rotina intensa. "Hoje, o Rio oferece uma vida cultural dinâmica. Bons concertos no Teatro Municipal, cinema de boa qualidade, teatro com excelentes profissionais. Ver a família, filhos, netos, bisnetos e amigos, prioridade número um. Jogo bridge e biriba. A mente precisa se exercitar, dizem. Só não consigo mais viajar para o exterior. Sem Raphael, nenhuma viagem me seduz." Gosta de fazer cursos sobre arte e história. Ultimamente, tem participado da oficina Literária Ivan Proença. Pretende lançar um livro de contos e crônicas no próximo ano. No momento, está revisando os textos. "Viver enquanto estamos vivos é uma epígrafe que devemos seguir", diz Mitzi, ao fim desta entrevista.

heads.

#AGenteFaz

ESTRADAS, METRÔS E AEROPORTOS PARA A FERNANDA PASSAR MAIS TEMPO COM A JÚLIA.

Todo empreendimento da AG tem o poder de transformar vidas e escrever novas histórias. Estradas, estações de metrô e aeroportos mais modernos facilitam novos encontros. Assim, a Fernanda, a Júlia e você ganham mais tempo para passar ao lado de quem se ama. Para nós, qualquer projeto sempre começa e termina com o mesmo objetivo: fazer a diferença na vida das pessoas.

AG ANDRADE GUTIERREZ

Investimentos em infraestrutura

andradegutierrez.com

Pro dia nascer feliz

por João Penido

Quem sabe Caetano Veloso não acabou finalmente vendo a menina do anel de lua e estrela na noite do Baixo? O hipotético encontro, deixado ao acaso na canção de 1981, poderia muito bem ter ocorrido num bar e restaurante que ele frequenta até hoje. Como todos se referiam ao local como "aquele bar na diagonal do Real Astória", o Porto Mar logo mudou seu nome para Diagonal Grill e, depois, simplesmente Diagonal.

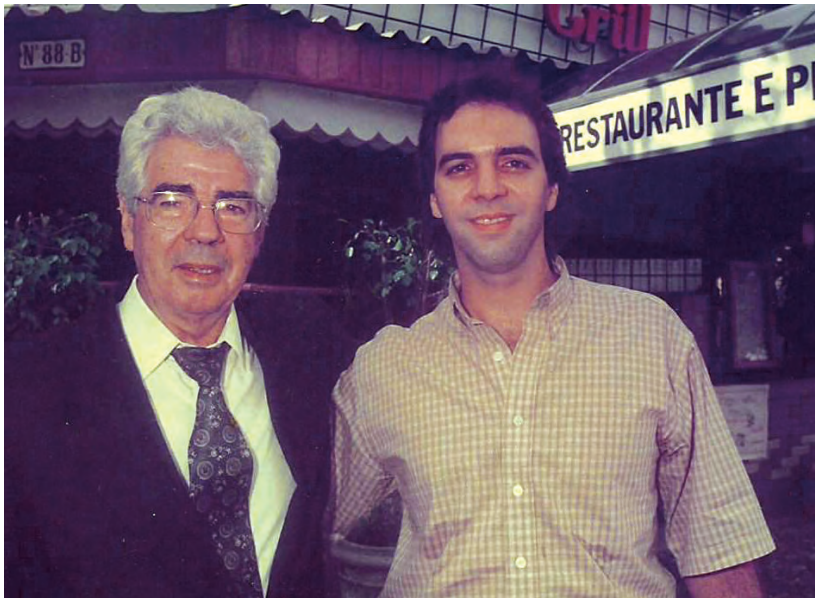
O forte da casa é a picanha à brasileira, com farofa que leva ovos, presunto e cebola, acompanhada por duas guarnições à escolha do freguês

Uma vez que o Real Astória — o lendário RA — fechou as portas em 1994, é o Diagonal que mantém, juntamente com a Pizzaria Guanabara, localizada em frente, a tradição de ser ponto de encontro de artistas e moradores daquela parte final do Leblon, na esquina da Rua Aristides Espínola com a Avenida Ataulfo de Paiva.

O Porto Mar nasceu em 1952 ou 1953. O documento mais antigo sobre o restaurante em mão dos atuais proprietários data de 1958. Foi uma década depois que Victor Manuel Morado Rico entrou para a sociedade. Hoje com 89 anos, ele ainda aparece por lá para matar as saudades. Quem dirige o negócio é o filho e único sócio, Victor Augusto Domingues Morado, à frente da casa desde 1990. O pai, então corretor de imóveis comerciais, volta e meia era convidado a comprar participação em restaurantes. Quando ingressou no Porto Mar, já havia sido sócio do Mondego e do Cabral 1500, em Copacabana; do Laguna Bar, na Praia Vermelha; e do Umas e Ostras, na Tijuca.

Instalado em uma pequena casa, o futuro Diagonal servia frutos de mar, mas era mais bar que restaurante. Foi crescendo junto com o

O gerente Rocha com Caetano Veloso



Victor Manuel Morado Rico e Victor Augusto Domingues Morado, pai e filho, em 1995

bairro. Pertinho dele, logo surgiram outros estabelecimentos, como o Real Astória, em 1959, a Pizzaria Guanabara e o BB Lanches, ambos em 1964. Na década de 1970, a noite do que passou a ser chamado de Baixo Leblon já atraía multidões, levando-os a funcionar madrugada adentro, só fechando quando o dia estava prestes a nascer.

Todos eles, porém, sofreram um grande baque a partir do Rio Cidade, programa urbanístico lançado em 1993 pelo então prefeito Cesar Maia e que se prolongou até 2001. O Leblon, um dos bairros afetados, tornou-se intransitável com as obras, as ruas repletas de buracos, barro e poeira. "Ficamos praticamente sem calçada. Para entrar aqui, as pessoas tinham de passar de lado sobre uma rampinha de madeira, colocada em cima de um buraco enorme, de uns dez metros de profundidade por cinco de largura, aberto para a execução de uma caixa de passagem de eletricidade", recorda Victor Augusto.

Foi o fim de uma era. Os frequentadores se transferiram para o bairro vizinho, ocupando bares e restaurantes em frente ao Jockey Club, dando início ao Baixo Gávea. Porém, o Diagonal não só sobreviveu como cresceu e melhorou. Em 1993, retirou-se um enorme balcão na Aristides Espínola para a ampliação do número de mesas. A casa virou mais restaurante que bar. Foi introduzido um diversificado cardápio. Nele, há de tudo — carnes, frangos, frutos do mar, peixes, massas, pizzas, saladas, sanduíches e petiscos. Nova reforma, em 2001, deixou o salão interno mais clean. As mesas antigas foram substituídas

por novas, com borda de madeira e tampo de granito. Hoje, há lugar para 98 pessoas.

Fartura e bom atendimento

O forte da casa é a picanha à brasileira, com farofa que leva ovos, presunto e cebola, acompanhada por duas guarnições à escolha do freguês. Anteriormente, a carne fatiada era esquentada na mesa, sobre uma chapa. Como o cheiro de gordura e a fumaça incomodavam os clientes, passou a ser preparada na cozinha. Os petiscos que mais saem são o filé aperitivo, o frango a passarinho, os diversos pastéis e a casquinha de siri. Em breve, haverá também bolinho de feijoada, croquete de carne, palitos de provolone e batata com parmesão. Uma das características do Diagonal é a fartura dos pratos, que servem tranquilamente a duas pessoas — e até três ou quatro, dependendo da fome.

Outro ponto alto está na qualidade do serviço. Os garçons e copeiros têm grande experiência, com pelo menos 12 anos de casa — um dos cozinheiros chega a quase 30. Uma figura marcante é o gerente noturno, José Edlardo Rocha, ali há 18 anos, vindo do Real Astória, onde passou outros 15. Ele reencontra hoje no Diagonal muitos artistas a quem atendia no RA, como Alceu Valença, Fagner e Baby Consuelo, sem falar no próprio Caetano, que atualmente costuma aparecer em companhia do filho. E relata uma situação inusitada, envolvendo os sertanejos Cesar Menotti e Fabiano. "Os dois comeram o prato principal e pediram duas pizzas de frango com catupiry. Até aí tudo bem. Acontece que quiseram duas latas de leite condensado para derramar sobre as pizzas. Relutei muito, mas os dois insistiram. Aquilo era uma espécie de sobremesa para eles", explica Rocha.

Nos áureos tempos do Baixo

As lembranças mais extraordinárias do gerente noturno do Diagonal, o Rocha, vêm da época em que trabalhava no RA. Eis algumas:

"Ainda não existia o Baixo Leblon. O Real Astória fechava no máximo à meia-noite, nas sextas, sábados e domingos. O Cazuza foi o pivô de tudo. Ele chegava de jipe com uma turma grande quando estávamos fechando. O patrão mandava reabrir a casa só por causa dele. Cazuza subia nas mesas e colocava uma toalha na cabeça de um touro que ficava na frente do piano-bar. As pessoas aplaudiam. Também costumava ir ao banheiro para enrolar um baseado. E discutia muito, depois parava. Isso era todo santo dia."

"Acender um baseado era normal. Raul Seixas fumava tranquilamente, encostado na árvore em frente ao restaurante. Na época, as pessoas não iam cheirar cocaína no banheiro. A moda era injetar a droga na veia. Cansei de achar seringas na lixeira."

"Baby Consuelo chegava ali e gritava: Rá! Rá! E todo muito respondia, gritando de volta: Rá! Rá! Rá! Era uma bagunça gostosa." (Baby era seguidora do médium Thomaz Green Morton, que criou uma espécie de culto paranormal conhecido como Rá.)

"Havia também tapas e beijos. Cansei de ver Vera Fischer dar bofetão em Felipe Camargo. Os óculos dele iam parar longe. Eu catava os óculos, devolvia e pedia por favor para eles pararem de brigar. Neuzinha Brizola sempre vinha com uma galera e igualmente se desentendia com o namorado."

"Paula Lavigne estava numa mesa grande com o namorado Caetano, que começou a se engraçar com outra pessoa. Ela se levantou e jogou um guardanapo no cantor, que pedia: Para, Paulinha, para. E pediu a conta."

"Tom Jobim, quando saía da churrascaria Plataforma, vinha tomar conhaque, com um charuto desse tamanho. Eu estava tirando o pedido de uma mesa grande quando ele me chamou. Solicitei que aguardasse um pouco. Com a demora, veio à mesa, pegou na minha gravata, me arrastou até a porta e disse. Senta aqui. Quero meu conhaque e um café agora."

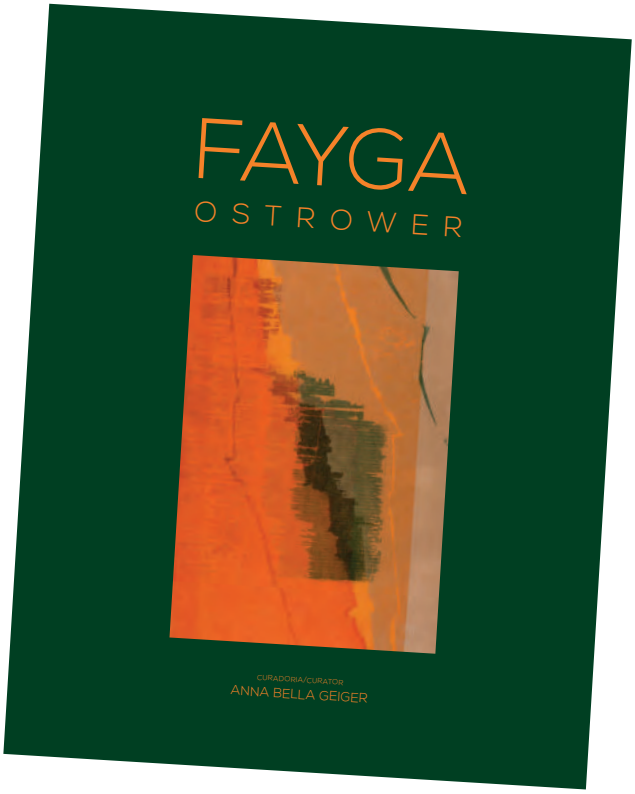
a cor e a forma agradecem

por **kelly nascimento**

Ela trabalhou para que as artes plásticas fossem acessíveis a um grande número de pessoas. Nessa linha conceitual, a Insight Comunicação está lançando "Fayga Ostrower", com curadoria de Anna Bella Geiger. O livro traz uma seleção das obras mais emblemáticas da artista, no período de 1940 a 2001. O charme é que, das 51 reproduções, 48 podem ser destacadas da publicação. A edição, em versão bilíngue (português e inglês) e distribuída gratuitamente, apresenta a exuberância das criações de Fayga, celebrada por sua versatilidade no uso de variadas técnicas.

Xilogravuras, ilustrações, serigrafias, litografias, gravuras em metal, pinturas em tecidos, aquarelas. Todas essas expressões foram dominadas com requinte por Fayga Ostrower, que nasceu na Polônia, em 1920, e, aos 14 anos, desembarcou no Rio de Janeiro, fugindo da perseguição nazista. Sua primeira visão foi a do Cristo Redentor, que descreveu como "uma cruz flutuando no céu". Depois de se hospedar numa pensão carioca, instalou-se em Nilópolis, na Baixada Fluminense.

Mas acabaria voltando para o Rio, cidade em que passou boa parte da vida. Foi no bairro de Botafogo, na Fundação Getulio Vargas (FGV), que se inscreve num curso livre decisivo em sua escolha profissional. Teve aulas com grandes mestres, como os professores Axl Leskoschek, Carlos



Fayga no ateliê de Santa Teresa, em 1958

Sem título, linoleogravura sobre papel, 1944

Oswald, Hanna Levy-Deinhard, entre outros. "A necessidade de ampliação do conhecimento para o próprio desenvolvimento intelectual e artístico faz com que Fayga, em 1946, por meio de seus estudos com a historiadora e socióloga da arte alemã, Hannah Levi Deinhardt, na FGV, passe a se dedicar a um exercício prático de arte baseado nos princípios do expressionismo figurativo alemão. Foi uma iniciação muito semelhante, nessa primeira fase, à de Oswaldo Goeldi, com quem manteve um profundo diálogo, não apenas de ordem estética, mas de identidade política e social, além de cultural e linguística, pelo uso comum da língua alemã", recorda a curadora Anna Bela Geyer.

Fayga começou a trabalhar com gravuras para ilustrar livros. Um dos primeiros foi o clássico "O Cortiço", de Aluísio Azevedo. Ao atribuir à gravura

Lavadeiras, linoleogravura sobre papel, 1947

Casas, xilogravura com pochoir sobre papel, 1947

9406, xilogravura sobre papel, 1994

um valor essencial como meio de arte, dizia que "era isso que lhe dava sentido, o de tornar a arte da gravura acessível a um grande número de pessoas", afirma Anna Bela. Mundialmente conhecida por suas gravuras, o metal foi o meio preferido pela polonesa para estampar suas criações. Não à toa, seu trabalho inspirou versos de Carlos Drummond de Andrade. No poema que leva o nome da artista, ele saúda: "Fayga faz a forma flutuar e florir na pauta musicometálica." Suas premiadas obras se encontram nos principais museus brasileiros, da Europa e das Américas.

O instituto

Noni Ostrower, filha de Fayga, lembra da mãe como, antes de tudo, uma trabalhadora incansável. "Fazer arte requer um pouco de inspiração e muito trabalho físico, principalmente para ela, que mexia com gravura. Para se chegar à simplicidade, é preciso muito empenho, tanto intelectual quanto físico. E o que minha mãe passou para nós foi exatamente a mensagem do valor do trabalho, independentemente de qual seja", ressalta.

Ela está à frente do Instituto Fayga Ostrower, fundado em 2002 para preservar e difundir as ideias e a obra da artista. "Um dos objetivos, além de conservar o acervo, é que se escreva sobre ela. A vida inteira ela deu aulas e palestras, falando de arte, mas não abordava seu trabalho. Achava que não precisaria explicar, que as pessoas deveriam gostar ou não, a partir de sua sensibilidade. Nesse sentido, esse livro editado pela Insight é superimportante, ao expor a trajetória de Fayga."

Noni aponta um belo trabalho do acaso em relação ao livro: "O lançamento coincidiu com o dia — 14 de setembro — em que ela completaria 95 anos. Uma feliz coincidência. A arte para ela era a vida. Trabalhava direto, não tinha fim de semana, e sempre com muita paixão." Outra coincidência foi o livro acabar nas mãos de uma amiga e admiradora de Fayga, Angela Merkel. Em sua passagem pelo Brasil, em agosto, a chanceler alemã foi presenteada com um exemplar, pelo ministro Joaquim Levy. "De fato, Fayga e Angela tinham um relacionamento próximo, se encontraram várias vezes. Achei bacana que tenha recebido o livro."

No texto "Arte e artistas do século XX", incluído na publicação, a artista instiga: "Quando se proclama que hoje não existem mais critérios artísticos, quando qualquer coisa passa; portanto, quando não se consegue mais distinguir entre arte e não arte, então também não se consegue saber quem são os bons artistas que existem em todos os países. Raramente eles são encontrados nas galerias do grande circuito internacional. Estas inventaram seu próprio Olimpo e realmente acham que, através de jogadas de marketing, adquiriram poderes supremos para 'criarem artistas' e decretarem o que é arte — leia-se a 'grife', a última moda da estação. Eu conheço alguns bons artistas. Não foram considerados bastante interessantes para o marketing das galerias. Mas e daí? Isto não os torna menos sérios, menos criativos, menos artistas. Penso que, nos dias de hoje, Cézanne não teria a menor chance. Ele é sério demais." Um convite à reflexão.

Noite, aquarela sobre papel, 1996

O Rio de Niemeyer

ensaio fotográfico de

MARCELO CARNAVAL

Passarela da Rocinha

Auditório da FGV, Praia de Botafogo

REC Sapucaí, Cidade Nova

Prédio da Vale, Centro

Prédio dos Diários Associados, Saúde

Edifício-sede da Manchete, Glória

Hospital da Lagoa

Obra do Berço, Lagoa

Pelos olhos do menino

Alberto da Costa e Silva
Diplomata, poeta, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL)

Beth Santos

Em 1943, vim de Fortaleza para o Rio de Janeiro. Tudo era muito diferente para mim. O Rio era uma cidade com um sabor especial, sobretudo para um menino vindo da província, que ficava espantando com os prédios da Avenida Rio Branco, que eu via como uma reprodução de Paris.

Você pegava um bonde da Tijuca para a Praça Tiradentes. Ou do Mourisco para a Cinelândia, e praticamente via a história da arquitetura ocidental dos últimos dois séculos. Aqui, havia um palacete com telhado de ardósia, que parecia transportado da França para o Brasil. Vizinho a ele, um grande terreno com palmeiras imperiais e um casarão de linhas portuguesas.

Saía da Avenida Rio Branco e ganhava a Sete de Setembro, a Alfândega, a Quitanda. Via uma fileira de casas, que dava a impressão de que se estava no Porto, em Portugal. Eram sobrados colados uns aos outros, riquezas de formas e sacadas em ferro batido.

Dezenas e dezenas de cinemas. Só na Praça Saens Peña havia cinco. E todos os bairros tinham suas livrarias. A Cinelândia era um esplendor. Havia muita gente andando pelas ruas. Homens de paletó, gravata e chapéu. Mulheres de luvas, chapéus e salto.

Tinha o bonde do Theatro Municipal, que levava os frequentadores de seus bairros direto para lá. Certa vez, vi um bonde de casamento, com noivo, noiva, convidados. O bonde era todo forrado de fazenda branca e decorado com flores. Era nos bondes que se passava também o carnaval popular. As pessoas vinham fantasiadas, pulavam para as ruas, voltavam a subir nos bondes. Uma festa.

Foi uma época curiosa

Os anos 1943,1944 e1945 foram uma época curiosa. Período da redemocratização do Brasil. Época dos grandes comícios, em 1945. Havia um interesse enorme pela política. Vi, uma vez, na Rio Branco, em frente ao Hotel Avenida, o Barão de Itararé — e sua enorme barba branca — fazendo a campanha de sua candidatura a vereador, com o público aplaudindo.

Naquela época não fazia tanto calor quanto hoje. As ruas tinham menos asfalto, o solo respirava. Não havia o paredão de edifícios impedindo que a brisa do mar circulasse para o restante da cidade. Ou será que foi o corpo do menino que sentia menos calor?

Envelheci acompanhando o caminhar da cidade em direção à modernidade. Às vezes me pergunto: o que pensaria um menino que dormisse na noite de 1943 e acordasse na manhã de 2015?

Ainda hoje refaço na saudade, que tem mecanismos próprios, um pouco daqueles dias que se seguiram à minha chegada ao Rio.

COM A INTERNET 4G DA OI, O SEU MUNDO NÃO PARA

E A SUA MÚSICA TAMBÉM NÃO.

Com a internet 4G da Oi, você baixa músicas, assiste a vídeos e fica por dentro das novidades dos seus artistas preferidos. Além de acessar pontos Oi WiFi pelo Brasil.

OI. PORQUE O SEU MUNDO NÃO PARA.

WMcCANN | BRADESCO
Meu tempo é como qualquer investimento: quanto mais ele rende, melhor. - Juliana Paes
Levar uma vida Prime é contar com:
◦consultor on-line ◦gerente de relacionamento
◦mobile banking ◦internet banking
◦ambiente exclusivo ◦diversos benefícios
Viver é Prime.
PATROCINADOR OFICIAL
Bradesco
Rio2016
TM Rio 2016 | Todos os direitos reservados.
Fone Fácil Bradesco Prime: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933
bradescoprime.com.br facebook.com/bradescoprime
Bradesco Prime